

Caderno de Apoio
à Aprendizagem

AFRO-INDÍGENA BRASILEIRA

1ª SÉRIE

TRILHA

1



SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO



EXPEDIENTE

Governo da Bahia

Rui Costa
Governador

João Leão
Vice-Governador

Jerônimo Rodrigues
Secretário da Educação

Danilo Melo Souza
Subsecretário

Manuelita Falcão Brito
Superintendência de Políticas para a Educação Básica

Coordenação Geral

Manuelita Falcão Brito

Iara Martins Icó Sousa

Poliana Nascimento dos Reis

Coordenação de Educação do Campo/ Quilombola

Poliana Nascimento dos Reis

Coordenações das Etapas

Poliana Nascimento dos Reis

Cassia Margarete Amaro dos Santos

Daniela Silva Ferreira

Equipe de Elaboração

Adenilza dos Santos Macedo / Adenilza kiriri
Coordenadora da Educação Escolar Indígena da Bahia

Admilson Silva Amaral (Katu Tupinambá)

Carlos Eduardo Carvalho de Santana

Francisco Cruz Nascimento

Jeane Borges dos Santos

Lucia Santana dos Santos da Silva

Mille Caroline Rodrigues Fernandes (Makyesi)

Rosemária Joazeiro Pinto de Sousa

Colaboradores(as)

Adriana Mendonça dos Santos

Bruno Alves Moura Ito

Cassia Margarete Amaro dos Santos

Daniela Silva Ferreira

Fernanda Pessoa do Amaral

Gilberto Cardoso Alemeida

Poliana Nascimento dos Reis

Revisão, projeto gráfico e diagramação

Marjorie Amy Yamada

Foto da capa

Obra da graffiteira Ananda Conceição de Santana¹ ([@srt.as](#)), 2015.

1 Formada no Bacharelado Interdisciplinar em Artes na UFBA, costuma trazer nos seus trabalhos a representação de mulheres negras, geralmente todas muito coloridas, muito vivas, com um traço muito próprio e com cunho político, abordando temas muito ligados à essência feminina da mulher negra, como religiosidade, comportamentos, sua ligação com a natureza, dentre outros. Acredita que visibilizar essas múltiplas mulheres é a sua maneira de ajudar a sociedade na compreensão de que representatividade importa. Além de transpor essas personagens para os muros, constrói também em forma de aquarelas e ilustrações. Seu intuito é disseminar ainda mais rostos e cores nos lugares, para que as senhoritas cheguem muito longe.

EPÍGRAFE

Existe uma história do povo negro sem o Brasil, mas não existe uma história do Brasil sem o povo negro.

Januário Garcia

À Comunidade Escolar,

É com grande satisfação que disponibilizamos para a Rede Estadual de Ensino da Bahia os **Cadernos de Apoio à Aprendizagem**, um material pedagógico produzido a muitas mãos, destinado a apoiar educadores e estudantes no momento de retomada das atividades letivas. A sua elaboração envolveu professores(as) voluntários(as) e participação dos movimentos sociais, além de técnicos e gestores da Superintendência de Políticas para a Educação Básica – SUPED, responsável pela coordenação do trabalho. Destaca-se, em especial, a intensa interlocução entre diferentes modalidades, na perspectiva de produzir um material atento à acessibilidade e que contemple diferentes modalidades.

Os Cadernos foram concebidos como materiais de suporte para o planejamento pedagógico e para o restabelecimento das rotinas escolares. Sua elaboração partiu da análise crítica sobre quais seriam, nesse momento específico, as **aprendizagens significativas** para os estudantes, e quais as competências e habilidades a serem desenvolvidas por eles e elas ao longo desse ano letivo tão atípico. A partir daí, foram construídos os organizadores curriculares, que promovem uma aproximação entre a experiência docente em sala de aula e os objetos de conhecimentos que compõem o Documento Curricular Referencial da Bahia da Educação Infantil e Ensino Fundamental (DCRB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).



A organização didática foi feita sob a forma de “Trilhas de Aprendizagem” associadas aos objetos de conhecimento. Essa estrutura visa a organizar e a acompanhar o processo de construção da aprendizagem pelo estudante, propondo interações e conferindo autonomia aos diferentes sujeitos. Cada trilha tem objetivos específicos e sua abordagem foi pensada especialmente para o público estudantil, apresentando uma linguagem que busca despertar a curiosidade e instigar a pesquisa, tornando o aprendizado mais eficaz, agradável, contextualizado e significativo.

Por fim, esperamos que esse material seja utilizado pelos educadores no planejamento pedagógico para o retorno às atividades letivas, como forma de conciliar os tempos e espaços de aprendizagem, e que sirva de inspiração para a produção de novas trilhas, em diferentes linguagens (áudio, vídeo, imagens, redes). Neste sentido, convidamos todos os educadores e educadoras da Rede Pública Estadual a produzirem e (re)elaborarem, a partir dos Cadernos de Apoio, suas Trilhas Autorais, abordando os contextos e necessidades territoriais e locais de cada realidade deste “país” chamado Bahia.

Abraços fraternos!

JERÔNIMO RODRIGUES

Secretário de Educação do Estado da Bahia



APRESENTAÇÃO

Aquilombar-se na contemporaneidade, em tempos de retrocessos políticos, feminicídios, ecogenocídio, homofobia, transfobia, machismo, sexismo, racismo, intolerância religiosa, entre outras mazelas sociais, é um dos desafios mais urgentes na história da humanidade.

Vivemos os tempos mais difíceis que a história já pôde contar. Todavia, buscamos no conceito epistemológico de *kilombo* uma união de forças capazes de nos manter vivos e vivas, tal como nossos(as) ancestrais fizeram ao recriar nos quilombos, nos terreiros de religiões de matrizes africanas e nas diversas etnias indígenas, espalhados por todo o território brasileiro, a compreensão de coletividade como estratégia de luta e reexistência para que hoje pudéssemos ter acesso à herança cultural, política, filosófica, religiosa e pedagógica deixada por nossos(as) antepassados(as). As Trilhas **afro-indígenas brasileiras** são uma revisão histórica da ancestralidade indígena e negra do Brasil. Visto que nosso país possui a maior diáspora africana e que há 305 etnias indígenas no Brasil e 22 na Bahia², precisamos revisar a nossa história de vida, a nossa ancestralidade pelas vias da diversidade, pela quebra dos referenciais brancos de uma história única, pela necessidade de fazermos a

2 FUNAI. *O Brasil Indígena (IBGE)*. Disponível em: <<https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/o-brasil-indigena-ibge-1>>.



descolonização nos currículos das escolas na educação e pela releitura dos nossos legados ancestrais que os livros didáticos não contemplam.

Esta trilha é simples, mas é a proposta de um estudo das epistemes tradicionais que quebram a verticalidade do poder, é a posição contra-hegemônica de educadoras e de educadores que fazem do respeito à cultura afro-indígena no Brasil um elo que não se quebra com os castigos impostos aos nossos antepassados, que não se quebra com a imposição de um currículo eurocêntrico, mas que resiste e transgride à história criada, imposta e reproduzida pelo colonizador europeu em apresentar povos africanos, africanos da diáspora e indígenas como selvagens, passivos, atrasados, sem alma, sem história e sem escrita. Temos uma história ancestral de luta e de resistência. Uma história silenciada e/ou distorcida. Portanto, a nossa trilha é uma revisão curricular que precisa ser vista como inclusiva no respeito a mulheres, homens e crianças pretas e indígenas que ocupam as nossas salas de aula e que, por inúmeras vezes, são invisibilizadas e anuladas pela sociedade racista, sexista, machista e cristã que nos oprimiu ao longo das nossas vidas.

Equipe de Elaboração das Trilhas/ Coordenação de Educação do Campo e Quilombola



QUADRO-SÍNTESE: 1ª série

Objetivos

- ◆ Apropriar-se de elementos teóricos e práticos que permitam reconhecer e valorizar a história, a cultura e a origem africana, afrodiáspórica e indígena como elementos constitutivos para a formação da sociedade brasileira, especificamente para a sociedade baiana;
- ◆ Levar o aluno a refletir sobre a valorização da comunidade negra e indígena, contribuindo para a elevação de sua autoestima;
- ◆ Obter mecanismos indispensáveis para o conhecimento de um Brasil fortemente marcado pela cultura africana e indígena na expectativa de mudança da mentalidade preconceituosa;
- ◆ Desconstruir os discursos estereotipados em torno de uma ideia da cultura negra e indígena como manifestação folclórica, identificando os aspectos positivos e os principais problemas da abordagem da História da África, Afrodiáspórica e Indígena nos livros didáticos;
- ◆ Reconhecer a importância da tradição oral como parte dinâmica da cultura de muitos povos africanos, afrodiáspóricos e indígenas;
- ◆ Compreender os fatores históricos sociais, econômicos, culturais, ambientais e agroecológicos que influenciam no processo de luta, resistência, produção e reexistência dos sujeitos Quilombolas e Indígenas na formação da política social e patrimonial na América Latina.



I Unidade letiva: Trilha 1 – A influência africana e indígena na cultura da Bahia

Tema gerador: Ancestralidade histórica e geográfica africana, afrodiaspórica e indígena

PROCESSOS METODOLÓGICOS:

- ◆ Exposição oral dialogada;
- ◆ Estudos dirigidos e comentários orais e escritos;
- ◆ Produção de vídeos sobre as temáticas: 1) Cultura africana na Bahia; e 2) Cultura indígena na Bahia;
- ◆ Pesquisas práticas e bibliográficas;
- ◆ Realização de práticas de atividades culturais na escola como música e grafismo;
- ◆ Incentivo à prática de atividades que tratem da tradição oral como parte da cultura de muitos povos africanos, afrodiaspóricos e indígenas;
- ◆ Elaboração de álbum com imagens da arte do grafite;
- ◆ Elaboração de livro de receita tendo por base a ancestralidade angolana;
- ◆ Elaboração de álbum com imagens de plantas medicinais;
- ◆ Produção de hortas suspensas com plantas hortaliças e medicinais;
- ◆ Produção de mandalas com sementes crioulas.

PROCEDIMENTOS AVALIATIVOS PARA A APRENDIZAGEM:

- ◆ Criação do caderno de campo para registros diários do conhecimento prático e do conhecimento desenvolvido em sala de aula, individualmente e/ou em grupo;
- ◆ Participação ativa do aluno no processo de ensino-aprendizagem;
- ◆ Reflexões, provenientes de debates, seminários, rodas de conversas, a respeito dos temas estudados;
- ◆ Registros de atividades realizadas na escola e extraclasse; elaboração de portfólios como resultado de trabalhos práticos resultantes de pesquisas de campo.



A influência africana e indígena na cultura da Bahia

1 PONTO DE ENCONTRO

Olá! Tudo bem?

Que bom encontrar você por aqui. Animado(a) para iniciar esta trilha?

Neste itinerário de aventura que estamos prestes a começar, faremos uma viagem que te levará a conhecer e a refletir sobre as influências africanas e indígenas na formação social e cultural do povo brasileiro, em específico do povo baiano. Neste percurso, você também aprenderá sobre resistência e reexistência dos povos africanos e indígenas como fator imprescindível no fortalecimento e na valorização das nossas raízes ancestrais. Nossos passos vêm de longe! E aí, está preparado(a)? Vamos lá!

2 BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

Você sabia que a estrutura social do continente africano antes da colonização ocidental era organizada por Reinos, Impérios e/ou Estados?

O continente africano antes da divisão político-geográfica imposta pela Conferência de Berlim (1884–1885), era organizado por grandes Reinos, Impérios e Confederações de Estados. Sociedades que possuíam uma estrutura social, política, militar, econômica e religiosa invejável, ao ponto de despertar os interesses e as ambições dos invasores europeus.

Com a chamada Partilha Colonial da África, atualmente o continente africano está dividido em 54 países com um complexo de sociedades de etnias que possuem culturas diferentes, cosmopercepções diversas de mundo e línguas que, em muitos casos, podem pertencer ao mesmo

tronco linguístico. Ressaltamos que no continente africano as línguas estão distribuídas em quatro grandes troncos: Níger-congo, Nilo-saariano, Afro-asiático e Khoisan.

Muitos pesquisadores, muitas pesquisadoras e a mídia, por causa do neocolonialismo, apresentam imagens e um discurso sobre o continente africano como o lugar do atraso, da fome, das misérias e das doenças. Na estratégia de desconstruir o olhar diário, é importante enfatizar aqui que África é o berço da humanidade, o que significa dizer que os primeiros vestígios de vida humana e os avanços da ciência nas diversas áreas do saber nascem na África.

Para aprofundar o conhecimento sobre o continente africano, de posse do seu **caderno** de campo, vamos pesquisar:

- 1 A diferença entre Reino, Império e Estados em África.
- 2 O que foi a Conferência de Berlim e o seu impacto na Partilha do Continente africano.
- 3 Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).
- 4 A distribuição dos países africanos de acordo com o tronco linguístico.
- 5 Uma invenção científica produzida no continente africano no período dos Reinos, Impérios e Estados e que usamos em nossos dias atuais.

Fontes para a pesquisa:

- ♦ Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=54236>> Acesso em: 11 de dezembro de 2021.
- ♦ MUNANGA, K. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009.
- ♦ PINHEIRO, B. C. S. **História preta das coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2021.

- ◆ Por dentro da África. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/os-conceitos-de-imperio-reino-e-civilizacao-para-as-sociedades-africanas>> Acesso em: 11 de dezembro de 2021.
- ◆ SILVÉRIO, V. R. **Síntese da coleção história geral da África, I: pré-história ao século XVI**. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2lZV2Se>> Acesso em: 11 de dezembro de 2021.
- ◆ SILVÉRIO, V. R.. **Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX**. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, p. 340–341, 2013. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227008?posInSet=1&queryId=f2f49802-d977-45fd-abad-4b4124b99f60>> Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

3 LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA

O terrível período da colonização no Brasil, entre os séculos XVI ao XIX, ficou marcado pelo sequestro de quatro a cinco milhões de africanos de diferentes territórios do continente africano, principalmente da África Subsaariana, como os falantes das línguas do grupo Bantu³ e da família Kwa. A família Kwa estava dividida entre os povos das línguas Yorubá e Ewe-fon. Os povos iorubás eram oriundos de uma pequena porção do território do Império Oyo (atual Nigéria) e do Reino de Ketu (atual Benim), onde também eram conhecidos como povos nagôs. Os povos das línguas Ewe-fon eram oriundos do Reino de Gana (atual Gana), do Reino de Abomé (atual Benim) e de Togo. Nestes dois grupos tanto os falantes do Yorubá quanto os do Ewe-fon eram povos oriundos de um vasto território na costa oeste africana também chamada costa da mina. Por isso, no período do tráfico transatlântico para o Brasil, estes povos foram chamados como povos minas ou jejes.

3 As palavras bantu/banto e iorubá/yorubá são encontradas com diferentes grafias, para padronizar, foi usada a forma aceita pela Academia Brasileira de Letras para nos referirmos às pessoas: homem/mulher banto, povos bantos, cultura iorubá, povos iorubás. Já a grafia original com letra inicial maiúscula foi usada para nos referirmos aos idiomas: idioma Bantu, idioma Yorubá. Ressaltamos: a palavra “bantu”, que significa “pessoas” na linguística Bantu, encontra-se no plural (Ba), sendo que o seu singular é “Muntu” (Mu) (tradução = “pessoa”).

Na Bahia, em específico, temos uma forte influência dos povos falantes das línguas do grupo Bantu oriundos do Reino Kôngo-dya-Mpânzu (atual província do Zaire/Angola e uma pequena porção da República do Congo), bem como dos Reinos Ndongo, Matamba, Lunda e Bailundu (o que corresponde a outra parte da atual Angola) e, cem anos depois, a influência dos povos iorubás, como também de outros grupos étnicos africanos.

É necessário salientar que nesse texto daremos mais atenção aos povos bantos devido a sua influência na origem e conceituação do quilombo. Assim, a presença dos povos bantos e iorubás na Bahia, já no século XVIII, começa a despertar a curiosidade e o interesse de muitos(as) pesquisadores(as), a exemplo da obra “Os africanos no Brasil”, de Nina Rodrigues⁴, que destacou a diversidade étnica dos africanos como aspecto relevante para as pesquisas sobre os(as) negros(as) no Brasil, especialmente no campo religioso. Todavia, sua pesquisa apresentava teorias rácio-biológicas (CASTRO, 2001, p. 52) baseadas em padrões científicos de classificação do psiquiatra Cesare Lombroso⁵. Desta forma, seus estudos sobre os candomblés apresentavam uma superioridade dos povos iorubás na Bahia, tanto numérica quanto cultural, minimizando a presença e as contribuições dos povos bantos. A ideia de supremacia dos iorubás difundida por Nina Rodrigues foi tão forte que, no Brasil, em um determinado momento, o entendimento que se tinha era que o país estava dividido em duas áreas de influência africana: “[...] os sudaneses (leia-se iorubás) na Bahia, e bantos em outros Estados” (CASTRO, 2001, p. 56).

Outros(as) pesquisadores(as) que sucederam Nina Rodrigues tiveram como base a presença dos iorubás na zona urbana e no candomblé da cidade de Salvador, onde houve a maior concentração já no último período da escravidão, enquanto que os povos de origem banto, naquela época, tinham maior concentração no interior da Bahia, principalmente nos territórios de identidade do Recôncavo e Baixo Sul. Destacamos que o campo de delimitação da pesquisa de Nina Rodrigues foi a zona urbana de Salvador

4 Médico psiquiatra, natural do Estado do Maranhão, conhecido por pesquisas sobre antropologia criminal e a formação racial da população brasileira.

5 Psiquiatra forense do século XX. Seus estudos criminalistas eram baseados na teoria evolutiva e classificatória de Charles Darwin.

e, quando cita a cidade da Bahia em seus estudos, Rodrigues está se referindo à capital e não ao Estado como um todo, o que gerou certa confusão para muitos(as) pesquisadores(as), tendo como consequência uma grande exaltação da cultura iorubá e a marginalização da cultura banto.

As influências dos povos bantos estão tão presentes em nossas vidas que podemos percebê-las em muitos dos vocábulos que utilizamos em nosso dia a dia, a exemplo de **calunga, angu, banzo, quitanda, mocotó, xingar, cochilar, marimondo**; a própria palavra e constituição dos **quilombos**; na utilização das máscaras a exemplo dos Grupos Zambiapunga, das cidades de Valença, Taperoá, Nilo Peçanha e Cairu; no artesanato e nas artes feitas do barro, a exemplo dos Caxixis de Maragogipinho e Nazaré. Ou seja, encontramos as influências dos povos bantos em muitas cidades do Estado da Bahia. Outras heranças encontramos no samba, na congada, na capoeira, na gastronomia, nas confrarias negras, a exemplo das congregações da igreja do Rosário dos Pretos, que existem em todo o território brasileiro. Na Bahia, as mais conhecidas são a Irmandade do Rosário dos Pretos, localizada no Pelourinho, cidade de Salvador, e a Irmandade da Boa Morte, localizada na cidade de Cachoeira.

Fonte: FERNANDES, Mille Caroline R. **De Angola à Nilo Peçanha: traços da trajetória histórica e da resistência cultural dos povos Kongo/Angola na região do Baixo-Sul**. 2020. 260f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2020. p. 141–143. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/site/?cat=trabalhos-academicos=teses-ppgeduc> (Texto adaptado). Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

De posse do seu caderno de campo e com o auxílio do mapa do continente africano, vamos refletir um pouco?

- 1** Você já ouviu falar em teorias rácio-biológicas?
- 2** Em sua opinião, as teorias rácio-biológicas podem gerar conflitos entre os diversos povos? Apresente 3 exemplos de conflitos provocados a partir das ideias influenciadas por essas teorias.
- 3** Você sabia que o quilombo é de origem dos povos bantos?
- 4** Quais países fazem parte da África Subsaariana?
- 5** Que saberes familiares você identifica como saberes ancestrais de origem africana?
- 6** Quais palavras de origem africana você conhece?

4 EXPLORANDO A TRILHA

Tudo bem até aqui? Você percebeu como os saberes dos nossos ancestrais foram e são importantes para a formação da sociedade brasileira? Tenho certeza de que você quer continuar a nossa caminhada. Vamos lá?

O texto a seguir fala sobre as influências dos povos de origem Kongo-Angola e dos povos indígenas na culinária da Bahia.

Texto 1 Calundus: a alimentação e a cura

As práticas de alimentação e do consumo dos produtos da terra com fins terapêuticos e de restauração preventiva do equilíbrio para a saúde também demonstram como ocorreu o encontro afroameríndio no Brasil, através da formação e da perpetuação de hábitos alimentares e remédios tradicionais, seja na medicina caseira ou em rituais de cura.

Fora dos grandes ciclos de produção da cana-de-açúcar e depois do café, que abasteceram os mercados mundiais e que restringiam a produção de víveres no país, a alimentação cotidiana das pessoas comuns nas terras brasileiras foi se formando em trocas que escapavam ao estilo de vida português civilizatório instaurado no período colonial, que era uma imposição, ou o recriavam, resistindo a ele. (...)

Entre as idas e vindas do comércio transatlântico nesse período de formação, espécies nativas e as trazidas para o Brasil fizeram surgir pequenos cultivos (roças, roçados), além do que já era feito pelos indígenas, ou eram recolhidas na própria natureza, nativas ou aclimatadas. Com o tempo, foram criadas nossas cozinhas regionais, mas alguns ingredientes tiveram um alcance maior, já desde cedo.

O encontro do Brasil com povos africanos pode ser lembrado pelo próprio nome de animais e vegetais comestíveis, como no caso da galinha d'angola. A galinha d'angola, (também conhecida como angolista, capote, cocar, conquém, guiné, galinha pintada) não apenas é modelo de enfeites artesanais, mas costuma ser criada em chácaras e fazendas para prevenir animais peçonhentos, já que tem o hábito de viver solta no mato.

Dentro dos cultos afrobrasileiros, essa ave continua tendo um papel muito importante como comestível com funções terapêuticas, sendo utili-

zada nos principais ritos. Dessa forma, sua valorização nas comunidades de origem africana, quilombos, calundus e terreiros que iam se formando e resistindo à escravização, terminou gerando criações dessa ave, que se espalhou amplamente pelo território nacional.

A atual presença da assim chamada galinha d'angola, uma ave que povoava o continente africano, demonstra um elo muito antigo, pois alguns dos primeiros povos africanos que chegaram ao Brasil vieram da região da atual Angola. Por outro lado, a mandioca e o amendoim, plantas nativas de nosso território, foram levados para países da África. Quando aqui chegaram os europeus e os africanos, eles já eram cultivados pelos povos originários ou nativos de nosso território, que hoje conhecemos como povos indígenas, sendo que mais de 200 povos diferentes (dos contatados) conseguiram sobreviver à colonização e hoje habitam 688 Terras Indígenas e áreas urbanas no território nacional, segundo dados reconhecidos oficialmente, sendo que podemos encontrar indígenas em todos os estados.

O amendoim se tornou um ingrediente bastante utilizado na culinária africana. Hoje em dia, em Angola, a pasta de amendoim pode entrar na receita da típica “muamba de galinha”, um prato que lembra o frango com quiabo mineiro ou o xinxim de galinha baiano. Aqui, ele se encontra preservado também como ingrediente das oferendas das religiões afrobrasileiras, embora seu uso não seja tão conhecido na culinária afrorreligiosa como o da farinha de mandioca.

Os povos indígenas (...) já possuíam o saber do preparo da raiz de mandioca, como descascar, ralar, espremer, extrair a manipueira (sumo) e fazer a farinha. Podiam também preparar uma bebida alcoólica à base de mandioca que conhecemos como *cauim*, ainda preparado por diversos povos. Depois dos europeus, veio sua fabricação em casas de farinha com aparelhos ainda rústicos e sua disseminação nas terras africanas, através dos portugueses, dos holandeses e de navegantes brasileiros que assumiram as mesmas atividades mercantis, a farinha alimentando a tripulação e o contingente de africanos cativos trazidos para o Brasil.

Assim, a farinha de mandioca, de origem indígena, é a base que uniu o pirão brasileiro aos pratos tradicionais do *funji* ou *matete* em Angola e à iguaria chamada *kuanga* no Congo, receitas africanas feitas

com ela, e que são regadas pelo tempero de molhos extraídos de peixes ou de outras carnes. A farinha de mandioca também proporcionou o preparo das farofas, imprescindíveis nas oferendas e nas refeições em homenagem a determinadas entidades e divindades bastante conhecidas atualmente dos terreiros de umbanda e candomblé. Alimento base dos povos indígenas antes da colonização, o uso tradicional da farinha de mandioca nas oferendas dos terreiros serve de termômetro para medir o quanto africanos e indígenas intercambiaram seus saberes e sabores. Essa mescla vinda de diferentes matrizes culturais tem em suas primeiras origens as aldeias e os povoados de pessoas escravizadas refugiadas em locais mais isolados ou relativamente próximos de núcleos urbanos, que formaram os quilombos antigos.

Os antigos quilombos, territórios de resistência, contavam com a presença de populações indígenas próximas, pressionadas ou perseguidas, com modos indígenas de fazer e de sobreviver também se fazendo presentes. Neles passaram a serem cultivados produtos em sua maior parte nativos das Américas ou africanos, como milho, determinados tipos de feijão, tubérculos (mandioca, batata-doce, carás ou inhame) e havia criações de cabras e galinhas somadas à caça e à pesca para subsistência. Documentos históricos demonstram como os quilombos **no período da colonização** (*grifo nosso*) podiam inclusive possuir espaço designado para moer grãos e tubérculos, caracterizados como “casa de pilões”, além de hortas. As atuais comunidades (...) quilombolas ainda conservam muito desse cultivo tradicional, através de sementes crioulas (não geneticamente modificadas) e de mudas tradicionais, apesar da pressão da urbanidade e de empreendimentos sobre seu ambiente e sua paisagem. Ainda utilizam o que produzem, em grande parte, em sua culinária. Seus doces de frutas açucaradas, assim como as bebidas tônicas e curtidas são iguarias comercializadas e bastante apreciadas por toda sociedade, mas também preparam tutus, paçocas (uma forma indígena de preparo), do fubá de milho angus, broas e farofas, (...) alimentos conhecidos (...) em todo o país.

Fonte: Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras (Calundu). **Calundus: a alimentação e a cura**. Brasília: Revista Calundu – UnB, Vol.3, n.1, Jan-Jun. 2019. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/25242>> Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

PARA SABER MAIS 1

Você já ouviu alguma vez o termo **calundu**? Sabe o que significa?

Calundu ou *kalundu* é uma palavra de origem Kikongo e Kimbundu, que na tradução literal significa realizar um culto, invocando os espíritos, com música e dança. Representa a mais antiga denominação de culto afro-baiano, registrada no século XVII, a qual se encontrou com as práticas ameríndias e que foi emergindo em celebrações com canto e dança coletivos. Durante as cerimônias, o rosto do(a) *kialundu* (pessoa que recebe o espírito) apresentava uma fisionomia mais séria, mais fechada. Portanto, devido a essa questão o termo **calundu** tornou-se uma expressão utilizada de forma pejorativa para interpelar alguém que parece carrancudo(a), mal-humorado(a), emburrado(a) ou visivelmente chateado(a).

Fonte: CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2001, p. 192. (Texto adaptado).

PARA SABER MAIS 2

Você sabe o que são sementes crioulas?

Também conhecidas como sementes tradicionais, sementes nativas, sementes da paixão e/ou sementes da solidariedade, são uma herança ancestral, que guardam em si a sabedoria dos(as) nossos(as) mais velhos(as) de como cuidar da riqueza natural das nossas terras. As sementes da solidariedade são variedades desenvolvidas, adaptadas e/ou produzidas por populações quilombolas, indígenas, agricultores familiares ou assentados da reforma agrária, possuindo características bem definidas, cuidadas e reconhecidas pelas respectivas populações citadas acima. Através dessas sementes é que podemos ter a origem de muitos alimentos que levamos às nossas mesas, a exemplo do feijão, do milho, do arroz, dos tubérculos (batata, cará, inhame, mandioca, etc.), das hortaliças entre muitos outros produtos. Fato curioso é que a semente crioula, diferente das sementes usadas na agricultura chamada moderna, não sofreu nenhuma interferência humana no sentido de alteração genética, o que garante não somente uma extensa diversidade genética, como também a manutenção ancestral e cultural de um povo.

Figura 1. Semente crioula de milho

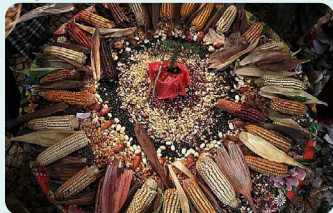


Foto: Giorgia Prates.

PARA SABER MAIS 3

Funge em Angola, Angu no Brasil

Funge ou Fúnji é uma iguaria culinária típica de Angola. Quando feito com farinha de Bombó, conhecida também como *fuba* (fubá) ou farinha de mandioca, chama-se *funge*. Quando é feito com *fuba* ou farinha de milho, é chamado de pirão. O fúnji ou pirão é a base da alimentação das populações de Angola e pode acompanhar iguarias como o calulu, a muamba de galinha e a kizaca, também chamada como saca-folha na província de Cabinda. No Brasil, o angu se tornou uma palavra mais específica para o funge à base de fubá de milho ou também conhecido em algumas regiões como polenta; ao passo que o nome dado aos acompanhamentos de iguarias à base de farinha com o caldo do ensopado, do cozido, do mocofato, da rabada, da moqueca de peixe etc., é chamado de pirão.



Foto: acervo pessoal de Mille Fernandes – Luanda, 2018.

VOCÊ SABIA...

...que a *fuba* de Bombó (Angola) ou o fubá (Brasil) é um produto beneficiado da mandioca?

É uma planta da espécie *Manihot esculenta* pertencente à família *Euphorbiaceae*, da qual fazem parte mais de 7.000 espécies. Planta nativa da América do Sul, a mandioca é cultivada em várias regiões tropicais e subtropicais do mundo, por ser uma planta com raízes comestíveis. Suas folhas contêm um elevado teor de proteínas, minerais e vitaminas essenciais ao corpo humano e por isso também são consumidas por diversos fins. Em Angola, por exemplo, as folhas de mandioca são utilizadas para o preparo da kizaca ou saca-folha. Na Bahia, as folhas de mandioca são utilizadas também para o preparo de uma iguaria chamada de maniçoba. Destacamos também que existe o fubá de milho, que é feito do beneficiamento do milho.

Figura 3. Raiz e folha da mandioca



Foto: *Mundo Ecologia*, 2018.

Conhecendo um pouco mais

Você conhece o documentário **As cores da serpente** (2019), do jornalista e cineasta baiano Juca Badaró?

O documentário apresenta a trajetória de um *crew* de artistas angolanos que realizaram a maior intervenção de grafite a céu aberto do continente africano. Os/as jovens artistas grafiteiros de Angola pintaram os muros da Serra da Leba, localizada entre as províncias da Huíla e do Namibe, uma estrada histórica com cerca de 20 quilômetros. A pintura dos 6 mil metros quadrados de paredões foi realizada entre agosto e novembro de 2015 pelo Coletivo Murais da Leba, coordenado pelo jornalista angolano Vladimir Prata e formado por pelo menos 25 artistas das províncias de Luanda, Namibe e Huíla. O documentário te levará a uma viagem encantadora para conhecer um pouco sobre Angola, sobre a arte do grafite e sobre as histórias que os livros didáticos e a mídia não contam. Não perca a oportunidade de observar como Angola e Brasil estão bem próximas e de como o grafite é uma reverência à ancestralidade.

Assista ao filme por meio do *link* a seguir:

- ▶ **As cores da serpente** – https://youtu.be/p5zkSFloS_w

TRILHA SONORA – Qual é a melodia dessa caminhada?

- ▶ **Mufete** – <https://youtu.be/1zj8munu7Fo>
- ▶ **Ginga** – <https://youtu.be/NcY8oSPnvfE>
- ▶ **Araruna** – <https://youtu.be/t4hol8n-hPo&list=RDDICMrBkqcLo>
- ▶ **Nhanderuvixa Tenonde'i** – https://youtu.be/krl_2LytXKE

5 RESOLVENDO DESAFIOS DA TRILHA

A ancestralidade angolana corre nas veias da população brasileira. Podemos ver esta conexão Angola–Brasil nos hábitos diários, na culinária, na gastronomia, na religiosidade, nas manifestações culturais, na música, na dança e em muitos dos vocábulos que utilizamos.

Em Luanda, capital de Angola, a conexão com o Brasil na contemporaneidade tem sido também por meio da arte urbana, que vem ganhando espaço nas ruas, transformando politicamente os muros em vitrines de denúncias nas mãos de jovens grafiteiros(as), como vimos no filme “As cores da serpente”.

Nas capitais do Brasil, como nas capitais de países do continente africano em especial, Luanda, os grafites têm assumido um papel político de valorização das nossas raízes culturais, como também um importante papel de conscientização e de revolução através da arte urbana. As imagens das figuras 4, 5 e 6 que seguem abaixo, produções artísticas realizadas por grafiteiros e grafiteiras de Angola, do Rio de Janeiro e da Bahia, nos revelam como a arte conta a nossa história e reflete a nossa sociedade.

Figura 4. Mural de grafite na Serra da Leba – artista Rafa Mal (@rafa_mal), Angola (2015)



Foto: acervo pessoal de Thó Simões (@thosimoes) e Vladimir Prata (@vladprata).

Figura 5. Mural *Las Etnias* – artista Eduardo Kobra (@kobrastreetart), Gamboa/Rio de Janeiro (2016)



Foto: *Esquerda Diário*, 2017.

Figura 6. Mural – Projeto da artista Ananda Santana (@srt.as), Boa Vista do Lobato/Salvador (2019)

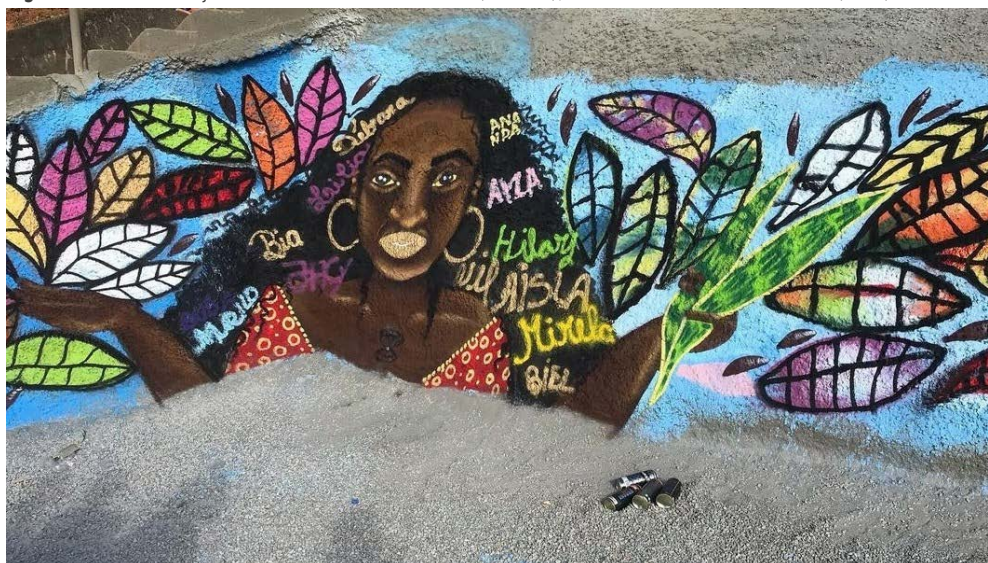


Foto: acervo pessoal de Ananda Santana (2019).

É preciso compreender a mensagem por trás de cada arte, porque o patrimônio que cada imagem carrega produz reflexões, ou seja, comunica algo.

No seu **caderno** de campo, descreva de que maneira as figuras 4, 5 e 6 atravessam o seu corpo quando você as olha. Qual é a sensação? Qual é o sentimento? Qual é a reflexão?

6 A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA

Agora é a sua vez!

Com base nos murais e no documentário sobre a arte do grafite, pesquise sobre a história do grafite e da pichação no Brasil, enfatizando os aspectos de críticas políticas, as diferenças e semelhanças, as vantagens e desvantagens entre o grafite e a pichação. Em seguida, construa uma redação com a temática “Liberdade de expressão e a política de prefeituras municipais que proíbem a pichação e limitam os locais próprios para a produção e realização de grafite”. Para enriquecer seu texto, destaque a diferença e o significado político entre a grafia da palavra **pixação** (com “X”) e da palavra **pichação** (com “CH”).

Conhecendo um pouco mais

Você conhece o programa Grafitaê da Secretaria da Educação da Bahia? Sua escola participa do programa?

Assista aos vídeos e analise a arte feita na sua escola. Caso a sua escola ainda não tenha implantado esse projeto, verifique a possibilidade de adesão a essa iniciativa.

- ▶ **Grafitaê – Educar para transformar** – <http://www.educacao.ba.gov.br/midias/videos/grafitae-educar-para-transformar>
- ▶ **Grafitaê no Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Barreiras** – <https://youtu.be/PicN5uh2lUo>

7 A TRILHA NA MINHA VIDA





Você gostou do processo da escrita? Como foi? Nessa etapa da nossa trilha, o processo de escrita faz parte da sua formação, pois precisamos pensar em como podemos contribuir para a valorização dos saberes ancestrais. Nesse sentido, a produção textual torna-se uma grande aliada!

Vamos continuar a nossa caminhada?

Desvendando a curiosidade

Como já entendemos que por trás de cada arte existe um patrimônio cultural carregado de comunicação, vamos agora mergulhar nos saberes ancestrais indígenas. Você já ouviu falar em grafismo indígena ou em pintura indígena?

1. Pesquise sobre o que é o grafismo indígena, anote as informações em seu **caderno** de campo, discuta com seus/suas colegas e depois preencha a tabela a seguir.

| Grafismo indígena | Significado | Grupo étnico |
|--|-------------|--------------|
|  | | |
|  | | |
|  | | |
|  | | |

Fontes de pesquisa:

➤ **Pintura corporal pataxó** – <http://pataxos.blogspot.com/2016/06/pintura-corporal-pataxos.html>

🔊) **Pintura corporal, por Katu Tupinambá de Olivença** – <https://anchor.fm/cassia-santos78/episodes/Pintura-corporal-Tupinamb-de-Olivena-e1bog77>

- II. Tendo como inspiração as pesquisas realizadas até aqui, se você pertence a uma comunidade indígena, preencha a tabela seguinte, nos contando sobre três grafismos mais utilizados na sua aldeia. Agora, caso você não seja indígena, pesquise sobre o significado de outros símbolos que são utilizados na pintura corporal das populações indígenas, diferentes dos que já foram apresentados na questão anterior.

| Grafismo indígena | Significado | Grupo étnico |
|-------------------|-------------|--------------|
| | | |
| | | |
| | | |

8 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Com base na pesquisa sobre a história do grafite e da pichação, destaque os usos e funções da arte urbana no estado da Bahia como ferramenta para a conscientização cultural, social e política. Dessa maneira:

- ◆ Procure analisar quais motivos levam os/as artistas a produzirem seus grafites;
- ◆ Em seu **caderno** de campo, crie esboços de grafites com a finalidade de conscientização cultural, social e política que se adequem aos problemas específicos da sua realidade local⁶.

9 AUTOAVALIAÇÃO

Viva!

Chegamos ao final de mais uma caminhada!

Você percebeu que o nosso percurso foi repleto de muita troca de experiências? Parabéns por ter chegado ao final. Mas, antes de finalizarmos, gostaria de te pedir para fazer uma análise dessa caminhada. Aproveite esse momento para refletir sobre todo o percurso realizado. Logo abaixo, disponibilizamos algumas questões que te ajudarão a refletir sobre o percurso da trilha!

Então, vamos lá?

- 1 Para você, quais foram as informações mais relevantes?
- 2 Qual é a sua opinião sobre o acesso e a valorização das histórias, dos saberes e fazeres dos povos bantos e sua influência para a Bahia?
- 3 Qual é a importância das sementes crioulas na manutenção ancestral e cultural de um povo?
- 4 O que você aprendeu sobre grafite e sobre pichação?
- 5 O que você aprendeu sobre grafismo e/ou pintura indígena?
- 6 De que maneira os temas trabalhados na trilha colaboraram com a sua formação?

GLOSSÁRIO

A

Angu: uma iguaria que no Brasil se tornou uma palavra mais específica para designar o funge angolano à base de fubá de milho. Também é conhecido em algumas regiões brasileira como polenta.

América Ladina: categoria criada pela intelectual negra brasileira Lélia González (1935–1994), que revela, a partir de um olhar desde dentro com ênfase nos saberes ancestrais das mulheres, as conexões entre as experiências de resistências e reexistências dos povos das diversas etnias indígenas e da diáspora africana, dando visibilidade às histórias secularmente invisibilizadas.

Ancestrais: particularidade ou estado do que é ancestral (que se refere aos antepassados e/ou antecessores). Está relacionado com a hereditariedade.

B

Banzo (banzu): palavra de origem Kikongo e Kimbundu que, a depender do contexto empregado, pode significar tristeza, saudade, preocupação, espanto ou depressão.

C

Calunga (Kalunga): palavra de origem Kikongo. Para os bacosos, na cosmologia Bantu-Kongo a Kalunga é a linha que divide o mundo visível do invisível. No Brasil, a depender do contexto empregado, pode significar espíritos que vibram na linha de Yemanjá/Kayala. Nos espaços de religiosidade de matriz banto, Calunga-pequeno pode ser um termo utilizado para referir-se à morte e ao cemitério, e Calunga-grande para referir-se ao oceano.

Calulu: iguaria de Angola e de São Tomé e Príncipe feita à base de peixe seco e fresco e/ou de carne seca, tendo como acompanhamento o funge de bombó (*fuba*) ou de milho e o feijão de óleo de palma (azeite de dendê).

Cosmopercepção: termo criado pela intelectual negra nigeriana Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí, que descoloniza a maneira de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. O termo é usado ao descrever diferentes grupos culturais, privilegiando sentidos que não se restringem ao visual, e sim uma combinação de sentidos.

Cochilar: palavra de origem Kikongo e Kimbundu que significa dormir.

Crew: é uma gíria utilizada pelos(as) grafiteiros(as) que significa que um grupo de grafiteiros(as) podem fazer as suas obras tanto em conjunto como individualmente.



I

Imprescindível: essencial, indispensável, necessário.

K

Kizaca: também chamada como saca-folha, é uma iguaria angolana feita normalmente com folha de mandioca, camarão, azeite de dendê e amendoim. Esse prato típico de origem angolana, por causa das influências indígenas, na Bahia ficou conhecido como maniçoba.

M

Marimbondo: palavra de origem Kikongo e Kimbundu que possui o mesmo significado de vespa.

Matete: iguaria angolana feita com fubá de milho e leite de coco. Tem muita semelhança com a canjica baiana.

N

Neocolonialismo: conceito que compreende as fases política e econômica de colonização dos países africanos e asiáticos pelos países europeus e pelos Estados Unidos.

Q

Quilombo (Kilombo): palavra de origem dos povos falantes das línguas Bantu. Em Angola, a partir dos nove grupos étnicos, o Kilombo apresenta diversos significados, podendo ser uma cidade, um local de iniciação religiosa, um local para guardar mantimentos, um lugar para reunir pessoas da mesma família ou não, como também um acampamento militar. No Brasil, o quilombo representa um espaço pan-africanista de luta e de resistência de negros e negras contra o sistema colonial. Atualmente, o termo quilombo também tem sido utilizado para se referir a Organizações, Grupos, Movimentos Sociais Negros(as) que lutam contra o racismo, o genocídio, o feminicídio, as intolerâncias, e que reivindicam políticas públicas que garantam uma vida digna à população negra.

Quitanda: palavra de origem Kikongo e Kimbundu que significa pequeno estabelecimento onde se vendem verduras, frutas e outros produtos.

X

Xingar: palavra de origem Kikongo e Kimbundu que significa insultar.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA. Secretaria da Educação. **Documento curricular referencial da Bahia etapa do Ensino Médio**. 1ª versão, 2021, p.692.

BRASIL. Ministério da Educação/MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola**. Brasília–DF. 2012.

CASTRO, Y. P. de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2001.

GONZALEZ, L; HASENBALG, C. (org.). **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69–82.

FERNANDES, M. C. R. **De Angola à Nilo Peçanha**: traços da trajetória histórica e da resistência cultural dos povos Kongo/Angola na região do Baixo-Sul. 2020. 260f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2020.

OYĚWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SANTANA, C. E. C. de. **Pelejando e Arrudiando**. Processos Educativos na afirmação de uma identidade negra em território quilombola: Baixa da Linha, Cruz das Almas-BA. 2015. 265f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Salvador, 2015.

VIDAL, L. (Org.). **Grafismo indígena**: estudos de antropologia estética. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2000.

